

Razão e emoção nos atos de leitura

Profa. Dra. Heidrun Krieger Olinto¹ (PUC-Rio)

Resumo:

A minha contribuição, dedicada à análise de um novo repertório teórico para os estudos literários, aponta para a co-presença de aspectos cognitivos e afetivos na construção de conhecimento. Neste quadro será focalizado o projeto de uma teoria da literatura hedonista idealizada por Thomas Anz (2002) que visa acentuar os efeitos afetivos provocados pelo encontro com literatura. A sua proposta será avaliada em diálogo com hipóteses elaboradas por Antonio Damasio (2000), no campo das neurociências, ao questionar a dicotomia tradicional entre racionalidade e emotividade a favor de uma consciência integrada capaz de revitalizar a produção de saber, igualmente, no espaço disciplinar da comunicação literária.

Palavras-chave: teoria literária, razão, emoção

1 Introdução

Discutindo uma visão pedagógica frequente no ensino de literatura, que prioriza de modo unilateral e exagerado processos de conscientização, a reflexão proposta acentua a necessidade de fomentar projetos de ensino atentos a uma articulação integrada de cognição e emoção. Neste quadro, ganham nova ênfase processos corporais aliados a uma gama de emoções e sentimentos que demandam a sua verificação empírica em uma dimensão ampliada. Sob esse ângulo, o teórico da literatura e cultura Hans Ulrich Gumbrecht (2004) oferece sugestões valiosas para compreender a dimensão do espaço de mediação entre produção de presença e construção de sentido, o último privilegiado em leituras hermenêuticas. Sua proposta de elaborar métodos que associam a interpretação do sentido a uma iluminação direta dos sentidos captáveis em sua materialidade corporal permite vínculos com resultados empíricos avaliados pelo neurocientista Antonio Damasio (1994). O acento, nos dois casos, será colocado sobre conceitos de emergência e de oscilação que permitem uma aproximação ao modelo teórico subjacente às reflexões de Gumbrecht e à experimentação de Damasio, em vista de uma pedagogia inovadora nos estudos de literatura. Em termos sintéticos, a proposta pode ser entendida como convite ao império dos sentidos. Em termos didáticos, ela equivale a um projeto de ensino de literatura que dê crédito a novas sensorialidades e sensibilidades.

2 Racionalidades e sensibilidades

No campo das neurociências, as investigações de Damasio ofertam uma orientação inicial acentuando que corpo, espírito e sentimentos formam uma unidade relacional indissociável na atuação dos indivíduos em seus ambientes vivenciais. Publicado nos anos 1990 como libelo revolucionário ao emprestar contornos empíricos a uma longa contenda na especulação filosófica, o livro de Damasio, *Descartes' Error. Emotion, Reason, and the Human Brain* traduziu essa condição na bela fórmula: “Ao ver algo, você não apenas o vê; você sente que está vendo algo com seus olhos”. (DAMASIO, 1994. p. 232). Sublinhando assim o caráter ativo da aprendizagem em função da incontornável presença do corpo, esta é concebida como processo interacional emergente e contingente dos indivíduos inseridos em seus contextos cotidianos produzindo transformações permanentes na constelação corpo / espírito / sentimento.

Os resultados de pesquisas empíricas acerca das conexões entre pensar, sentir e agir,

conduzidas com os seus pacientes na Universidade de Iowa, levaram o neurologista a descrever a relação entre emoções, sentimentos e consciência a partir da ênfase sobre o papel das emoções. Deste modo Damasio inverteu uma longa tendência de exploração predominante da razão, sublinhando que processos de aprendizagem individuais, culturalmente condicionados, alteram as manifestações emotivas concretas que usam o próprio corpo como palco de sua encenação e exibição. Ao mesmo tempo, tais modificações emocionais do corpo aliadas a funções cerebrais promovem a formação de representações captáveis pela consciência, por ele denominadas de sentimentos. Essa suposição contraria profundamente os pressupostos cartesianos responsáveis pela mais conhecida formulação dualista de mente e corpo ao afirmar a existência de uma substância pensante e outra de extensão material. Na ótica de Damasio (2000), o erro de Descartes consiste precisamente nesta ruptura ao priorizar radicalmente o pensamento, não apenas como substrato verdadeiro do *self*, mas igualmente como separado do corpo. A sua conceituação dicotômica da consciência passa a ser contestada baseada em três hipóteses: (a) a razão depende da capacidade de captar sentimentos; (b) sentimentos são percepções do corpo; (c) esse último é entendido, por seu lado, como sistema referencial de todos os demais processos neuronais. No centro desta teoria, testada empiricamente, encontra-se a ideia da atuação de uma espécie de “marcadores somáticos” das sensibilidades captáveis pelo corpo (DAMASIO, 1994. p. 237). Em outras palavras, percebemos sensações do corpo como sinais intuitivos que nos levam a tomar determinadas decisões antes de refletir racionalmente sobre possíveis alternativas. A importância dada a tais processos pré-conscientes – latentes na economia das emoções humanas – fundados no intercâmbio entre processos neurobiológicos e psíquicos, deste modo, acentua o rompimento com o modelo dualista cartesiano que separa as duas dimensões. As operações da razão, segundo ele, permanecem vazias sem o poder de excitação das emoções.

Isso explica, em parte, a razão pela qual o desconhecimento de nossas próprias ações corporais não impede a sua operação em termos de reações e de impulsos para agir. Em contraposição, para sentirmos efetivamente emoções, é necessário que delas tenhamos alguma consciência. É precisamente a sua avaliação por nossas faculdades intelectuais que nos permite discernir e perceber o que ocorre em nosso corpo. No modelo de Damasio, precisamente a conscientização desse processo é responsável pela possibilidade de conhecer objetos e fenômenos, incluindo as próprias emoções e intuições. (DAMASIO, 2000. p. 80).

Em suma, os chamados marcadores somáticos funcionam como uma espécie de “semáforos da mente” (TRAUFETTER, 2007. p. 64) que atestam uma sabedoria intuitiva específica e muito poderosa dos sentimentos. Ao substituir o enunciado cartesiano *penso, logo existo* pela afirmação *sinto, logo existo*, que figura como título de seu livro, Damasio (2000) tenta decifrar a consciência criticando concepções tradicionais do pensamento racional que descarta os sentimentos como faculdade mental indesejável que, supostamente, atrapalha avaliações racionais (DAMASIO, 2000. p. 87). Nesta concepção a falta de sentimentos, por seu lado, é percebida como causa significativa de condutas irracionais. Os marcadores somáticos funcionam, portanto, como sinais materiais concretos do corpo que se manifestam, por exemplo, na sensação de mãos geladas, pele de galinha ou dor de barriga (TRAUFETTER, 2007. p.67).

Creio que o potencial explicativo dessas teses damasiananas merece uma atenção especial no campo dos estudos de literatura. Neste contexto elas surgem como sopro de ar fresco ao enfatizar a simbiose entre o corpo e a mente.

Os novos debates sinalizam nitidamente uma revitalização de contendas antigas, hoje atualizadas pelo privilégio dado a termos como interpretação ou percepção, vivência e experiência que disputam alternadamente o direito de compreender fenômenos literários. Nas reflexões de Gumbrecht, esses termos emergem readaptados com foco sobre noções como *evento*, *presença*, *contato* e *tato*, apresentando-se enfaticamente como convite ao reino dos sentidos. (GUMBRECHT, 2004. p. 65). Curiosamente, o gesto não equivale exatamente à despedida da interpretação a favor da percepção sensorial, mas se entende antes como pleito de reconhecer a simultaneidade de ambas. Se para Gumbrecht a problemática dos estudos atuais de literatura aponta para um espaço “aquém

da hermenêutica”, ou “além da atribuição de sentido”, ele se afasta da preferência acadêmica dada ao campo hermenêutico e se aproxima de uma epistemologia da presença. (p. 149). Ao mesmo tempo, no repertório idealizado pelo autor, emerge a visão de uma hermenêutica revigorada – desde sempre marcada pelo estar-no-mundo, pela intuição e pela volta às coisas – e agora acrescida pela intensidade da vivência e do discernimento. Este conceito de presença, no sentido de presentificação, marca o intervalo entre a percepção física de um objeto e a atribuição de um sentido (p. 149). No entanto, a suposta iluminação direta das coisas concretas, intensificada no ato da performance, não ocorre sem imaginação intuitiva da presença material. A co-presença das duas dimensões, caracterizadas por momentos intervalares, se distingue precisamente pela constante oscilação entre a emergência de sua materialidade sensível, perceptível pelos sentidos, e a possibilidade de atribuição de sentido. Mesmo o libelo enfático de Gumbrecht a favor da produção de presença, expresso no desejo de “tocar, cheirar e provar aqueles mundos e objetos” não é capaz de ofuscar a condição de oscilação que garante um lugar à própria interpretação. (GUMBRECHT, 1999. p. 419). A sua defesa da materialidade da vivência e da percepção precisa ser entendida como claro posicionamento contra a onipresença da razão nos estudos de literatura que não deixava espaço para o surgimento de forças criativas intuitivas, em parte fruto de afetos e sentimentos, mantidas propositalmente no espaço da latência. Nesse horizonte, tornam-se claras as afinidades entre os modelos privilegiados por Gumbrecht (1999; 2004) e Damasio (1994; 2000). Os dois questionam a onipresença dos mecanismos de controle da razão que sufocam a produção de presença e até impedem uma atuação intensa de afetos, sentimentos e intuições, tanto na experiência estética quanto no próprio convívio cotidiano. Ambos abrem, assim, horizontes novos para entender os próprios processos de construção de conhecimento dando lugar a novas reflexões e experimentações no campo dos estudos literários.

3 No reino dos sentidos

A consideração do fator emoção, no contexto acadêmico disciplinar da construção de determinados conhecimentos científicos, seria certamente um gesto revolucionário desejável. Curiosamente, até hoje, opções a favor do próprio material didático e de ferramentas metodológicas revelam claramente uma predileção acentuada por soluções racionais na escolha de determinados repertórios teóricos e na elaboração de métodos considerados adequados para uma investigação empírica da literatura.

No decorrer dos anos de 1990, no entanto, dissemina-se, efetivamente, um renovado interesse pela presença simultânea de fatores cognitivos e afetivos na construção de conhecimentos e se recupera para a teoria da literatura uma visão integrada das emoções atuantes, não apenas em processos de leitura com ênfase sobre o leitor, mas sobretudo na própria maneira de teorizar o fenômeno literário enquanto complexo processo de comunicação estética, cultural e social¹.

Um olhar retrospectivo sobre propostas circunstanciais que, desde os anos 60, apontavam para formas mais flexíveis de lidar com obras de arte, estimulando sensibilidades até então ausentes em sua análise, permite localizar, comparativamente, significativas diferenças nas perspectivas privilegiadas. Entre diversos projetos-manifesto dignos de menção – de Roland Barthes, Umberto Eco e dos expoentes da Estética da Recepção e do Efeito, Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss, por exemplo – parece-me ilustrativa, pelo próprio estilo panfletário, a defesa de Susan Sontag de uma relação sensorial/sensual em substituição ao ato exegético de construção de sentido inerente ao texto literário, ainda que saibamos que não se trata de um gesto totalmente isolado, mas tampouco de uma atitude muito comum até o final dos anos de 1980, muito menos no espaço disciplinar dos estudos acadêmicos de literatura.

O seu ensaio introdutório “Contra a interpretação”, da coletânea com o mesmo título, publicada na década de 60, ainda hoje guarda surpreendente atualidade (SONTAG, 1987). Concebida como libelo ousado e irônico contra uma prática hermenêutica por ela considerada autoritária, reacionária e asfixiante ao impor interpretações racionalmente construídas, a sua crítica

literária e artística se entende, antes, como exercício de uma nova sensibilidade na elaboração interativa de juízos estéticos. “Em vez de uma hermenêutica, precisamos de uma erótica da arte”, dizia ela em 1964, porque só esta torna as obras artísticas vibrantes e mágicas no encontro com fruidores capazes de nelas mergulhar e se entregar. (SONTAG, 1987. p.23). Se o dilema da exegese tradicional correspondia à hipertrofia do intelecto em prejuízo da energia sensorial, a nova crítica, em contrapartida, devia investir na recuperação plena dos sentidos, no ato da fruição permitindo “*ver mais, ouvir mais, sentir mais*” (p.10). Para ela, uma interpretação como construção de significados “fantasmagóricos” representa, nesta ótica, a vingança do intelecto sobre o mundo, o empobrecimento do mundo, tornando as obras artísticas maleáveis e dóceis. Desse modo, o gesto exegético equivale à violação da própria arte, fazendo dela um “artigo de uso, a ser encaixado num esquema mental de categorias” (p.19). Em compensação, a “Arte verdadeira”, segundo Sontag, “tem a capacidade de nos deixar nervosos” (p.10), e, neste sentido, o vanguardismo programático, enfaticamente fundado sobre a experiência do corpo em detrimento do conteúdo semântico, pode ser visto como um antídoto contra a, segundo ela, “praga” da construção de sentido pela interpretação, por sua capacidade de provocar sensibilidades adormecidas e novas intensidades na experiência estética.

Em todo o caso, para Sontag, o encontro com obras artísticas não permite juízos e generalizações, mas se oferece tão somente a uma experiência perceptiva singular e este ato, como única justificativa suficiente dele, precisa ser “acompanhado pela voluptuosidade” (p.41). É precisamente nesta fórmula que emerge, sintetizado, o manifesto a favor de uma *erótica da arte*, capaz de organizar novos modos de sensibilidade “provocadoramente pluralista” (p.310), e capaz de sacudir o público moderno imerso numa “confortável anestesia emocional” (p.316).

Em que pese a distância espacial e temporal de quatro décadas, entre os defensores de uma teoria da literatura mais sensível a uma agenda com acento sobre o prazer, destaca-se o teórico da literatura Thomas Anz com uma campanha explícita a favor de uma teoria da literatura *hedonista* que não leva em consideração apenas os aspectos prazerosos do circuito da comunicação literária, mas que sublinha expressamente os efeitos afetivos provocados pelo encontro com literatura que deviam transformar essa experiência em momentos de *felicidade*. Neste libelo pela reformulação das próprias formas de teorizar literatura, reintroduzindo aspectos prazerosos e funções afetivas para contrabalancear o desmedido investimento cerebral, ele encontra apoio, igualmente em teóricos como Terry Eagleton que reclamava, já duas décadas antes, da falta de um repertório teórico prazeroso, ainda que seus efeitos palpáveis sobre produções concretas e a divulgação de novas teorias literárias com ênfase sobre o prazer permanecessem esporádicas e antes encontradas em programas-manifesto pós-modernos. No final de seu livro *Teoria da literatura: uma introdução* (1982), Eagleton ironizava com todas as letras o tratamento acadêmico dado ao processo comunicativo literário: “A razão pela qual a grande maioria das pessoas lêem poemas, romances e peças, está no fato de elas encontrarem prazer nesta atividade. Tal fato é tão óbvio que dificilmente é mencionado nas universidades”. (EAGLETON, 1983. p.205). Para ele, é reconhecidamente difícil passar alguns anos estudando literatura e ainda assim continuar a encontrar prazer nisso. “Muitos cursos universitários de literatura parecem ser organizados de modo a impedirem que tal prazer se prolongue; e quem deles sai sem perder a capacidade de gostar das obras literárias, poderia ser considerado herói ou masoquista”. (p.205).

Para Anz, autor de *Literatur und Lust. Glück und Unglück beim Lesen* (Literatura e prazer. Felicidade e infelicidade na leitura), a garantia de uma racionalização nos estudos literários ao preço de uma frieza emocional artificial e de uma anestesia racional equivale ao bloqueio de dimensões essenciais da arte e da literatura (ANZ, 2002. p.1). A última lida com temas e questões de elevado teor emocional – amor e ódio, alegria e tristeza, prazer e dor, medo e compaixão, fascinação e tédio, inveja, admiração, ciúme – mas nada impede que dela se possa falar racionalmente, *cientificamente*, contanto que este discurso não estabeleça fronteiras intransponíveis entre ciência, sentimentos e emoções.

Assim, no centro das preocupações de Anz se coloca a questão do efeito tanto de nossas

leituras quanto de análises de textos literários, de modo geral, limitadas a suas funções cognitivas nos manuais introdutórios. Segundo ele, a teoria da literatura – em sua indagação acerca da função da literatura para o leitor – acentua inadequadamente, a forma intelectual do termo retórico *docere* em prejuízo de *delectare* e *movere*, ambos aliados à fruição expressamente prazerosa. Nos estudos literários prevalece frequentemente o acento sobre determinados repertórios ideológicos, sobre normas e valores problematizados em obras literárias com o objetivo de construir realidades alternativas, oferecendo, deste modo, respostas para problemas políticos, sociais ou estéticos em determinados contextos e épocas, objetivando efeitos emancipadores, mas deixando pouco espaço para funções emotivas na comunicação literária. Estas continuam restritas à dimensão da literatura de massa, explicitamente criadas em vista do entretenimento, que continua sendo tratado com certo receio na esfera da chamada literatura elevada, a qual circula no espaço do ensino.

É precisamente a constatada subvalorização do prazer no âmbito da teorização da literatura, que sustenta a bandeira de Anz a favor de uma ciência da literatura *hedonista* que sublinha os efeitos afetivos do fenômeno literário visto numa dimensão sistêmica. Trata-se, assim, de um projeto que se baseia também em hipóteses neuropsicológicas recentes acerca da evolução de aspectos cognitivos e afetivos, na produção de conhecimento. Com respeito à relação com literatura interessa menos arbitrar sobre supostas prioridades afetivas ou intelectuais na construção de sentido, mas destacar, antes, o caráter altamente emotivo do próprio processo de leitura. Neste sentido, Anz pleiteia, também, uma investigação empírica das emoções atuantes na leitura e na produção teórica acerca dela, porque, segundo ele, não se pode ignorar a presença de sentimentos e emoções, ou seja, de aspectos afetivos na orientação de processos de leitura que só deixam de satisfazer critérios de racionalidade, se o abismo entre emoções e atividades científicas continue sendo visto como incontornável.

Uma de suas referências com elevado potencial explicativo, o psicólogo americano Mihaly Csikszentmihalyi, conhecido pela descoberta do fenômeno *flow*, discute, em seu livro *Flow. Das Geheimnis des Glücks* (1992), uma experiência de realização e engajamento máximos que conduz a um estado de felicidade e euforia. Tematizada a partir do conceito de *flow* – uma experiência psicológica prazerosa, que implica contínuos desafios que excedem limites – o autor a relaciona com uma motivação humana profunda que se manifesta em momentos de atenção concentrada propícia a desencadear sensações de felicidade. Durante esse processo, aliado a uma percepção seletiva que focaliza determinados aspectos do meio ambiente a partir da exclusão de outros, os indivíduos são de tal modo absorvidos que se desligam de exigências externas e pensamentos perturbadores. É nesses momentos de extrema atenção, concentração e dedicação que podem ocorrer experiências *flow*, provocando, segundo Csikszentmihalyi, uma antecipação prazerosa de surpresas como acontece em jogos e competições esportivas, por exemplo. Trata-se de situações de desafio para os participantes destas atividades que, no entanto, proporcionam estados de profundo prazer quando estes são capazes de solucionar com sucesso problemas vividos como desafio.

Flow, por assim dizer, caracteriza, desta forma, uma experiência humana máxima, baseada na articulação entre prazer, desafio e excitação demandando um estado de completo envolvimento e intensa motivação. A transferência dessa experiência, não só para o encontro com literatura, mas também para o seu tratamento científico, representa um dos alicerces para o projeto de Thomas Anz, idealizado como uma ciência da literatura *hedonista*, capaz de sintonizar desafio e empenho com estados de euforia e prazer nos estudos literários trazendo de volta para o circuito da comunicação literária afetos e efeitos que estimulam novas sensibilidades e intensidades também no tratamento científico do fenômeno literário.

Em outras palavras, uma teoria da literatura hedonista convida a ler e teorizar com arte, sensibilidade e sensorialidade convocando, ao lado das faculdades cognitivas, toda a gama de sentidos.

Nota

1. O libelo a favor de uma teoria da literatura *hedonista*, de Thomas Anz, e o conceito de *flow*, de Mihaly Csikszentmihalyi, foram objeto de discussão nos seguintes textos: OLINTO, H.K. A economia das emoções nos estudos de literatura. In: ____ e K.E. Schollhammer (orgs.). *Literatura e crítica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009, p.148-165 e OLINTO, H. K. Afetos/efeitos na comunicação literária. In: Sonia Zyngier, V. Viana e J. Jandre. (orgs.). *Textos e leituras: Estudos empíricos de língua e literatura*. Rio de Janeiro: PUBLIT/UFRJ, 2007, p.125-147.

Referências Bibliográficas

- ANZ, T. *Literatur und Lust. Glück und Unglück beim Lesen*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 2002.
- CSIKSZENTMIHALYI, M. *Flow. Das Geheimnis des Glücks*. Stuttgart: Klett-Cotta, 1995.
- EAGLETON, T. *Teoria da literatura: Uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- DAMASIO, A.R. *Descartes' Error. Emotion, Reason, and the Human Brain*. New York: Putnam, 1994.
- DAMASIO, A.R. *Ich fühle, also bin ich. Die Entschlüsselung des Bewusstseins*. München: List, 2000.
- GUMBRECHT, H. U. *Diesseits der Hermeneutik. Die Produktion von Präsenz*. Frankfurt: Suhrkamp, 2004.
- OLINTO, H.K. A economia das emoções nos estudos de literatura. In: ____ e K.E. Schollhammer (orgs.). *Literatura e crítica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009, p.148-165.
- OLINTO, H. K. Afetos/efeitos na comunicação literária. In: Sonia Zyngier, V. Viana e J. Jandre. (orgs.). *Textos e leituras: Estudos empíricos de língua e literatura*. Rio de Janeiro: PUBLIT/UFRJ, 2007, p.125-147.
- SONTAG, S. *Contra a interpretação*. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- SONTAG, S. *Against Interpretation*. New York: Farrar, Straus & Giroux, 1966.
- TRAUFETTER, G. *Intuition. Die Weisheit der Gefühle*. Reinbek: Rowohlt, 2007.

iAutor

Heidrun KRIEGER OLINTO, Profa. Dra.

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Programa de Pós-Graduação *Literatura, Cultura e Contemporaneidade* – Departamento de Letras

heidrunko@gmail.com